

Léa Pinheiro

Sentença ou Oportunidade?

Uma questão de atitude

coolbooks

Para ti, *Maman*, para ti, *Papa*, cujo apoio
infinito jamais poderei retribuir.

Para ti, Ricardo, este é o meu legado!
Juntos, realizámos um sonho.

Para o Manel, cuja alegria contagiante
trouxe mais cor às nossas vidas.

*A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios.
Por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente
cada momento da sua vida, antes que a cortina se feche
e a peça termine sem aplausos.*

Charlie Chaplin

Prefácio

Todas as histórias de vida são únicas e especiais. Têm as suas idiossincrasias e particularidades. Têm o seu valor e importância. Mereciam ser contadas? Claro que sim! Oferecer-nos-iam, com certeza, experiências e ensinamentos valiosos.

Mas, entre estas histórias, há aquelas que nos “tocam” mais profundamente. Não por serem mais ou menos importantes, mas pela sua intensidade e coragem.

A história de vida da Léa, contada na primeira pessoa, é um testemunho de força e coragem perante as adversidades da vida; um exemplo de esperança e persistência.

Para chegar a este estado, a autora teve de percorrer uma longa caminhada. Precisou de tempo, esforços diários e contínuos, persistência e muito apoio...

Encontrou obstáculos e dificuldades. Desanimou algumas vezes. Sofreu e chorou outras, mas não desistiu. Seguiu em frente, continuou a caminhar e entendeu a difícil situação em que se encontrava como uma oportunidade para desafiar as suas fraquezas, crescendo no processo.

Sentiu-se impulsionada para desenvolver novos projetos e enfrentar novos desafios. Deu um novo rumo e sentido

à sua vida, acreditando que, por mais contratempos que a vida tenha e por muito difícil que seja, existirá sempre um caminho em direção à felicidade!

A leitura deste livro vai ajudá-lo a encontrar caminhos viáveis para a sua trajetória pessoal.

Carlos Araújo

Nota introdutória

O dia 29 de abril de 2008 começou por representar, para mim, um alívio: finalmente, tinha um diagnóstico!

(Por opção, não vou mencionar os sintomas nem a doença. Cada caso é um caso e não quero, de modo algum, criar alarmismos. Este não é o propósito deste livro.)

Por muito estranho que possa parecer, fiquei feliz! O Paulo (o meu namorado de então) partilhava da minha alegria. Foram anos de sofrimento, sintomas incapacitantes, faltas ao trabalho, sentimento de perda da minha feminilidade... Anos a ouvir a médica dizer que estava com uma “depressãozita”, anos a deitar receitas de antidepressivos ao lixo. Confesso que, a dada altura, eu própria já duvidava.

E, finalmente, a 29 de abril de 2008, surgiu o diagnóstico!

Quando saí da consulta, ainda dorida do exame de auscultação, lembro-me de pensar que o meu calvário ia terminar. Era uma questão de lógica: tinha o diagnóstico, seguir-se-ia o tratamento, a cirurgia... Fosse o que fosse, o que quer que acontecesse, tudo era claro: ia ficar bem!

Estava tão enganada!

O passo seguinte foi a realização dos exames complementares de diagnóstico, de forma a averiguar a dimensão

dos “estragos”. À medida que os relatórios chegavam, a felicidade ia desvanecendo. A situação era pior do que o imaginado, mas a convicção de que ia ficar bem mantinha-se.

Numa primeira fase, optei por não contar à minha família. Se a cura fosse possível com recurso apenas ao tratamento, não fazia sentido, para mim, fazê-los sofrer. Mas tendo em conta os resultados dos exames, não me restava alternativa: tinha mesmo de contar, e não ia ser nada fácil.

A cirurgia era inevitável e muito complicada. O que mais me doeu em todo o processo pré-operatório foi o sofrimento que causei aos meus pais. Se há momento que me marcou, foi o dia em que lhes contei. A minha mãe manteve-se firme e, muito prática, perguntou quando e onde seria a cirurgia. Todavia, o meu pai estava numa tristeza inqualificável, com os olhos repletos de lágrimas. Levantou-se e foi para o quarto sem dizer uma única palavra. O olhar dele era demasiado angustiante.

A primeira cirurgia realizou-se no dia 19 julho de 2008. Foi muito complicada, pois estive alguns dias inconsciente. Não tenho qualquer tipo de memória dos primeiros dias após a intervenção, no entanto, o Paulo, os meus pais e o meu irmão estiveram sempre lá, junto a mim. O Paulo tirou férias para me poder ajudar e a minha mãe mudou-se de armas e bagagens para a minha casa, ficando, desta forma, perto do hospital.

O aspeto mais complicado de aceitar foi o facto de o processo ter aniquilado a possibilidade de ser mãe. Senti uma dor na alma inexplicável. Com quase 33 anos, o meu relógio biológico já despertara e ter filhos era algo que desejava

muito. Sempre adorei crianças. A minha intenção era ter dois filhos. Idealizava um “casal” e imaginava-me a brincar muito com as minhas crianças. Queria ser uma mãe presente em todos os momentos importantes. Queria ser uma mãe amiga.

Procurava, com a cirurgia, recuperar a minha feminilidade, mas a verdade é que, naquele momento, senti que deixei de ser mulher.

A recuperação foi lenta, mas corria dentro dos parâmetros ditos “normais”. No entanto, algumas sequelas que deveriam ter sido ultrapassadas ao longo do pós-operatório tornaram-se, infelizmente, mais evidentes, complicadas e definitivas.

De início, parecia natural, depois de uma cirurgia desta envergadura, que o organismo demorasse algum tempo a recompor-se, a reorganizar-se e que tivesse dificuldades em reagir a estímulos. Contudo, o tempo foi passando e o meu corpo teimava em não reagir. Foram aplicadas várias estratégias e manobras, receitados fármacos, mas a bexiga e os intestinos não funcionavam.

A “disfunção urinária” foi ultrapassada com recurso a uma algália durante três meses. Posteriormente, houve a necessidade de recorrer a um cateter suprapúbico para drenar a urina e, finalmente, a opção recaiu na autoalgaliação (procedimento que consiste na colocação de uma algália sempre que é necessário urinar). Este é um método que ainda hoje utilizo.

Quanto aos intestinos, apesar de ter tomado todos os laxantes existentes no mercado, de controlar a alimentação de

forma muito rígida, de ingerir imensos líquidos, nada surtia efeito. Só as lavagens intestinais produziam alguns resultados, mas eram nefastas e perigosas. O uso contínuo deste método poderia prejudicar irremediavelmente a minha saúde.

Era este o cenário que vivia e foi esta “paralisia” que levou aos acontecimentos que relato neste livro.

Vivi situações que me obrigaram a percorrer caminhos sombrios e tortuosos, repletos de obstáculos. Caminhos que me fizeram ultrapassar todos os limites, orientando-me na redescoberta de quem sou, obrigando a reinventar-me e a reinventar a minha vida.

Todos nós vivenciamos momentos difíceis, e eu acreditava que a minha história era mais uma no meio de tantas. No entanto, o Dr. Carlos Araújo, autor do Prefácio, lançou-me o repto de partilhar o meu percurso e foi então que percebi que mais importante do que a história é o olhar sobre a mesma. É perceber a atitude que está por detrás de uma enorme luta.

Esta história não tem um final feliz nem a tristeza da partida. É simplesmente uma história inacabada...